

Marcas da crueldade e processos de subjetivação

Nízia Villaça*¹

“Para obter um maior gozo, Sade tentava
introduzir na violência a calma e as medidas
da consciência”.

Georges Bataille

Pergunta-se hoje se a violência é um caso de mídia, de polícia ou de política. Sem respostas, vivemos a sua ambiência real e virtual. Ela cria comunicação, define atores sociais, algozes, vítimas, sujeitos e assujeitados.

O cenário em que se desenvolve sua variada tipologia é sempre renovado, desloca-se, alterna tipos, focos e enfoques. Aqui nos interessa trazer à cena a dinâmica violência/crueldade e uma possível associação ao luxo, tomando como referência os processos de subjetivação no contemporâneo.

Tratando-se de breve exposição, não entrarei em detalhes sobre um arcabouço teórico-metodológico. Remeto minhas reflexões a um espaço onde a sociologia, a antropologia, a filosofia, a arte e a mídia contemporâneas oferecem pistas sobre questões relacionadas à dinâmica indivíduo/comunidade, à crise da visão antropocêntrica e metafísica do mundo e à produção da subjetividade em cenários de alta visibilidade.

Duas tendências sociais, aparentemente contraditórias, são alardeadas pela mídia: por um lado, a busca da convivialidade, a dimensão multicultural da

¹ * Nízia Villaça: Professora Titular da ECO/UFRJ, pesquisadora do CNPq, coordenadora do Grupo ETHOS: Comunicação, Comportamento e Estratégias Corporais, autora dos livros *Em nome do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, co-autoria com Fred Góes. *Impresso ou eletrônico? – um trajeto de leitura*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. *Paradoxos do pós-moderno; sujeito & ficção*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996, entre outros.

democracia global, movimentos de interação através de grupos virtuais ou presenciais; por outro, explosões violentas, articuladas a efeitos de discriminação, imposições totalitárias e fundamentalismos. Tal contexto assume dimensões inéditas no mundo globalizado, tanto para o bem quanto para o mal. A disputa pelo reconhecimento, pela inclusão e pela cidadania é patente na promoção dos processos de subjetivação pelos mais diversos veículos, bem como nas notícias e relatos sobre a aniquilação e coisificação de indivíduos/grupos excluídos de tal dinâmica. É neste cenário que aproximamos os dois pólos aparentemente longínquos por nós referidos: a crueldade, cuja distinção da violência tentaremos explicitar, e o luxo, que não se confunde com a moda, mais democrática. As estratégias da crueldade e do luxo encontram o seu ponto comum na busca hiperbólica de distinção e hierarquização, num momento onde a massificação e a indiferença dão a tônica, como bem assinala Peter Sloterdijk² em *Desprezo das massas*.

É no par antinômico subjetivação/coisificação que apoiamos nossas considerações sobre violência e crueldade, relacionando esta última ao luxo. Na crueldade transparece o prazer do mal, a crueza, a insensibilidade, o cálculo, o desejo de aniquilação e coisificação da vítima. No direito penal a crueldade envolve maior responsabilidade jurídica, justamente devido a estes traços. Na psicanálise, ela é relacionada com perversão e comportamentos com características particularmente malignas. A violência, por seu lado, é preponderantemente explosão, descarga em que o sujeito e o objeto da agressão se aniquilam mutuamente. Se Saddam poderia ser adjetivado de cruel, em sintonia com a ostentação dourada de seus palácios e suas sofisticadas atrocidades, seus homens-bomba seriam qualificados de violentos, quando se imolam sacrificialmente em nome do líder, em nome de Alah, anulando-se a si mesmos e às vítimas. Um cidadão iraquiano presta depoimento à imprensa: “uma das minhas primas chegou a fugir para a Jordânia, mas foi capturada. Teve a cabeça cortada e pendurada em frente a casa em que vivia. Durante sete dias os pais foram obrigados a olhar para aquilo³”. Já a turma de Bush recorre a grande

² SLOTERDIJK, Peter. *O desprezo das massas: ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

³ *Folha de S. Paulo*. Caderno Mundo, 06 de abril de 2003.

sutileza textual, procurando fugir tanto a uma quanto a outra das categorias: nem violentos, nem cruéis. Levam a cabo uma Guerra Santa cuja ação cirúrgica pretendem justificada com bombas inteligentes de suposta alta precisão, “softwares” de identificação que não impedem as vítimas do “fogo amigo”. Se pensarmos no filme *Carandiru*, de Babenco, durante o massacre, a crueldade é patente na cena em que o policial deixa o detento viver depois de amedrontá-lo, e, em seguida, retorna, mira-o nos olhos e atira. O resto é violência, é animalidade irracional, é banalização do mal.

Alain Erhenberg⁴, em seu livro *O indivíduo incerto*, alude ao dilema do homem contemporâneo entre os apelos à visibilidade midiática, em contraposição ao anonimato e à coisificação. Quando não se pode responder com sucesso aos acenos performáticos, quando a produção do bem-estar social decresce e a busca do lucro floresce, surge, numa ponta, o recurso às drogas, o refúgio no espaço privado, a ênfase no virtual, a recusa do confronto presencial e, na outra, o recurso à violência e mesmo à crueldade, em suas versões hard/sangrenta ou soft/luxuosa. Sugestivo é o livro de Ignácio de Loyola Brandão, *O anônimo célebre; reality romance*⁵, em que o autor, numa crítica aguda ao discurso midiático, cria um caderno de crueldades, um receituário para o sucesso enumerando técnicas utilizadas por celebridades que se pretendem luxuosas: alheamento, distância, descaso. “... sou o que sou e vocês são ninguém. Nada. Pó. Partícula. Corpúsculo. Borrifo⁶”. “Somente antipatia, ferocidade, possibilidade do uso da violência, agressividade permanente, manutenção de uma personalidade ambígua conduzem ao respeito e a admiração⁷”. Em livro anterior, *O ganhador*⁸, o mesmo autor generaliza a crueldade com a descrição de um Brasil feito de figuras medíocres e grotescas que, por vezes, se confundem aos animais. Meninos/galos, anões/cães, que se apresentam país afora em números televisivos e circenses. Esta última estratégia narrativa poderia talvez ser conectada com o tipo de crueldade de que fala Fernão Pessoa Ramos em matéria do caderno *Mais*, referindo-se ao “narcisismo

⁴ ERHENBERG, Alain. *L'Individu incertain*. Paris: Calmann-Lévy, 1995.

⁵ LOYOLA BRANDÃO, Ignácio de. *O anônimo célebre; reality romance*. São Paulo: Global, 2002.

⁶ Ibidem. p. 12.

⁷ Ibidem. p. 23.

⁸ LOYOLA BRANDÃO, Ignácio de. *O ganhador*. São Paulo: Global, 1987.

às avessas”, a um “naturalismo cruel” como estratégia que leva a intensidade dramática ao limite da agressão ao espectador. “A dimensão cruel do cinema brasileiro contemporâneo embute uma agressividade às instituições e ao Estado brasileiro (em particular) ou ao Brasil e ao “brasileiro”(em geral). O prazer em fruir a crítica acirrada e a representação cruel conforma-se dentro do modo narcisista às avessas, esboçado por Nelson Rodrigues”⁹.

Nesta linha estaria o conto *A cabeça*, de Luiz Vilela¹⁰, onde se assiste a animalização e o rebaixamento puro e simples do humano. No conto, diante da cabeça decepada, abandonada no asfalto, as falas das personagens se enquadram numa desqualificação generalizada, evocando o lado bovino do homem. Para um dos passantes, um gordo, “gente morta fede mais que bicho morto”¹¹. Outro personagem adverte que a cabeça poderia ser esmigalhada por um caminhão, levada e devorada por um cachorro. Meninos palpitam animados que ela poderia ser usada numa pelada: “aí eu corro lá, na frente e mato no peito”¹². Dá-se no texto a radicalização do conto *Uma vela para Dario*¹³, de Dalton Trevisan, onde um homem morre no asfalto e é roubado pelos passantes, enquanto a viatura da polícia não chega. Na narrativa de Vilela, lemos o comentário: “se quando é um corpo inteiro eles já demoram para aparecer, o que dirá quando é só uma cabeça”¹⁴. O rebaixamento e a técnica da inversão atingem até mesmo a figura divina, que teria errado ao criar o homem à sua imagem e semelhança: “se Deus tivesse feito tudo certo, Ele não teria criado o homem”¹⁵.

⁹ RAMOS, Fernão Pessoa. “Narcisismo às avessas”. In: *Folha de S. Paulo*. Caderno Mais, 3 de agosto de 2003. pp. 14-15.

¹⁰ VILELA, Luiz. *A cabeça*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

¹¹ Ibidem p. 127.

¹² Ibidem p. 132.

¹³ TREVISAN, Dalton. “Uma vela para Dario”. In: *Cemitério de elefantes*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

¹⁴ VILELA, Luiz. Op cit., p. 128.

¹⁵ Ibidem. p. 127.

A ostentação da crueldade e o enfrentamento do real

Clément Rosset¹⁶ adjetiva a realidade de cruel pelo fato de ela ser suficiente e inexplicável. A filosofia, segundo o autor, mais do que compreender o que existe, focou a atenção no que não existe, no metafísico. Lembra ainda o autor, o caráter insignificante e efêmero de toda coisa do mundo e entende também por crueldade do real o caráter único, e consequentemente irremediável e inapelável, desta realidade – caráter que impossibilita ao mesmo tempo de conservá-la à distância e de atenuar seu rigor pelo recurso a qualquer instância exterior. *Cruor*, de onde deriva *crudelis* (cruel) assim como *crudus* (cru, não digerido, indigesto) designa a carne escorchada e ensangüentada, ou seja, a coisa mesma privada de seus ornamentos ou acompanhamentos ordinários, como a pele, reduzida ao sangrento e ao indigesto. Assim, a realidade é cruel – e indigesta – a partir do momento em que a despojamos de tudo o que não é ela para considerá-la apenas em si-mesma¹⁷. Sublinha o fato de que foi a fuga a esta realidade cruel que motivou toda a metafísica e ocupou a filosofia. Fuga à matéria, à coisa real.

Se Rosset chama a atenção para a grande humilhação humana diante da natureza incognoscível, Bataille transforma essa humilhação em fundamento do homem em seu enfrentamento da morte. Para ele, na linha de Nietzsche, a verdadeira medida do homem é dada nos atos mais cruéis.

Este autor faz desta suficiência do real, desta crueldade da natureza frente à precariedade humana o cerne de sua visão cruel onde uma subjetivação trágica explora as fronteiras de nossa corporeidade com a matéria e a animalidade. Se compararmos à obra dos surrealistas e sua desconstrução da visão antropocêntrica, a visão de Bataille não apresenta qualquer versão redentora ou efeitos oníricos. Ele propõe a “parte maldita”, radicaliza a crueldade dos rituais e os gestos de destruição sacrificiais. Uma estética da crueldade decompõe, fragmenta e desfigura o corpo naturalista, idealização do ser humano. O corpo é pensado impiedosamente, numa linha que podemos aproximar da de Sade¹⁸. A crueldade, freqüentemente, remete

¹⁶ ROSSET, Clément. *Princípio de crueldade*; tradução José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco. 1989.

¹⁷ Ibidem. pp. 16-17.

¹⁸ Ver VILLAÇA, Nízia. “O sadomasoquismo em dois tempos”. In: *Lugar Comum*: estudos de mídia, cultura e democracia. n. 12. Publicação do NEPCOM (Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação). Rio de Janeiro: Setembro-Dezembro, 2000. pp. 51-63.

aos libertinos e suas características luxuosas como a sofisticação, a lentidão, a concentração, qualidades que não são preponderantes hoje, considerando a velocidade do mundo atual. O luxo não se restringe como em outras épocas, ao valor material, mas implica em concepção sofisticada do capital cultural, entendido este, no sentido comportamental amplo com a ostentação de um tempo que é gasto de forma paradoxalmente sutil e perdulária na busca de distinção. É a lentidão como qualidade aristocrática. Segundo Milan Kundera¹⁹, “as pessoas na sua maioria (...). Empobrecem de tanto falar, de se ativar”.

Eliane Robert Moraes²⁰ escreve belo trabalho sobre o pensamento trágico de Bataille e seu antropomorfismo dilacerado. É sugestiva a centralidade da cabeça no desenvolvimento de seu livro, especialmente as significações do acéfalo, figura de capa da revista *Minotaure*, editada por ele. Numa anatomia monstruosa, a cabeça/caveira é deslocada para a zona sexual. Reúne, segundo palavras de Bataille, “numa mesma erupção, o nascimento e a morte” e atesta a existência eterna da matéria, da coisa humana. A iconografia da cabeça é intensamente explorada, na busca de confrontar a figura humana com suas alteridades. Fugindo da estética da mimese e do espelho, passamos à decomposição do humano e também do divino, seu modelo.

Mata-se mais por um Reebok do que por amor; individualismo, consumo e desconstrução

Gilles Lipovetsky²¹, a propósito da relação indivíduo/sociedade, convida a pensar a violência na história. Em diferentes formações sociais a violência e a guerra permaneceram valores dominantes e a crueldade se manteve com legitimidade, podendo funcionar como ingrediente nos prazeres mais rebuscados. Pergunta o autor: o que mudou, como as sociedades de sangue deram lugar a sociedades doces em que a violência interindividual torna-se um comportamento anômico e a crueldade um estado patológico? A pacificação social determinada pelo

¹⁹ KUNDERA, Milan. *La Lenteur*. Paris: Gallimard, 1994.

²⁰ MORAES, Eliane Robert. *O corpo impossível*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

aparecimento dos Estados, segundo ele, determinou a mudança dos códigos que regiam as sociedades anteriormente, quando os códigos de honra e de vingança eram centrais para a concepção primitiva holística. É importante deixar marcado a importância dada, então, ao coletivo, à estima pública: coragem, desprezo da morte, desafios etc. A prioridade do todo social sobre as vontades individuais era posta em ato, e os vivos tinham a tarefa de afirmar no sangue sua solidariedade com os mortos, com o grupo. A dor ritual significava que a lei não era humana, que era recebida e não escolhida ou modificada. Existia uma superioridade ontológica da ordem. A crueldade primitiva era, como a vingança, uma instituição holística contra o indivíduo auto-determinante, contra a divisão política, contra a história. Independentemente dos sentimentos e das emoções, o suplício selvagem era uma prática ritual exigida pelo código da vingança, na busca do equilíbrio entre os vivos e os mortos. A crueldade era uma lógica social e não do desejo.

Lipovetsky traça um itinerário que parte das sociedades primitivas, anteriores ao aparecimento do Estado, enfoca o poder absolutista dos reis com a demonstração do luxo e crueldade implícitos no poder hierárquico da monarquia, finalizando com a sociedade contemporânea e a cultura de mercado. Segundo o autor, é a ação conjugada do Estado moderno e do mercado que permitiu a grande fratura com as sociedades tradicionais e o aparecimento de um tipo de sociedade em que o homem individual se toma com o fim último e não existe senão por ele mesmo. Se o processo de personalização adotou os costumes do maior número, inversamente ele endureceu as condutas criminais dos desclassificados e um crescimento extremado no uso da violência por parte do poder totalitário e suas redes de exclusão. O desenquadramento individualista e a desestabilização atual suscitada, notadamente pela solicitação de desejos e pela sua frustração crônica, cria uma exacerbação cínica ligada ao lucro. A ordem do consumo pulveriza muito mais radicalmente as estruturas e personalidades tradicionais do que a ordem racista colonial, segundo o autor. É menos a inferiorização do que a desorganização da identidade, uma desorientação violenta do ego suscitada pela estimulação de modelos individualistas eufóricos convidando a viver intensamente. Por toda parte o

²¹ LIPOVETSKY, Gilles. *L'ère du vide: Essais sur l'individualisme contemporain*. Paris: Gallimard, 1983. p. 247-313.

processo de personalização dismantela a personalidade. Por sua vez a violência por vezes cruel é correlativa da ordem “cool” da desestabilização e dessubstancialização narcísica. Vivem-se os efeitos especiais e a amplificação do vazio. As explosões de violência se inscrevem na falta de sentido do mundo. O filme *Psicopata americano*, sobre a década de 80, é significativo deste espírito cruel e luxuoso.

Uma narrativa cruel e luxuosa

Patrícia Melo nos relatos de *Acqua toffana*²², nos oferece algumas reflexões sobre tais distinções e alguns elementos para classificar a cultura contemporânea, notadamente as estratégias da mídia. A câmera de vídeo ou a palavra do repórter, para o narrador da primeira novela que compõe o livro da autora, seriam emblemáticas da exploração da crueldade na mídia: “Adoramos edições extras. Guerras, atos obscenos, falsificações. Cadê a pólvora em volta do ferimento? Qual o trajeto do projétil? Pegou o pulmão? Coração²³”? Segue interessante distinção entre a produção de crimes em escala industrial e aqueles crimes que efetivamente contêm um nível do que é chamado de artístico no texto “no Brasil um crime só merece atenção se for uma obra de arte. Queremos os canibais, os perversos, os hiperviolentos, os científicos, queremos os melhores²⁴”. A narrativa é luxuosamente cruel na mistura de variados registros como o do desejo psicopata, o de detalhes maníacos e científicos. Se a personagem da primeira novela, Rubão, tem um cérebro regido por ataques súbitos, convulsões, é condutopática, tal não acontece com a narradora que calcula meticulosamente sua escritura. Também Rubem Fonseca²⁵, em *Feliz ano novo*, oferece um “plus” de violência com a sua narrativa que parece referendar a ação dos bandidos e com eles apertar o gatilho, no prazer de fazer quicar os ricos contra a parede.

O grande “leit-motiv” da produção das duas novelas que compõem *Acqua toffana* é o combate hiperbólico à vulgaridade e à mesmice. A crueldade do ataque

²² MELO, Patrícia. *Acqua toffana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

²³ Ibidem. p. 28.

²⁴ Ibidem. p. 31.

²⁵ FONSECA, Rubem. *Feliz ano novo*. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

se constitui como um verdadeiro luxo, como sofisticação extrema, digna dos antigos libertinos. Dá depoimento da ira contemporânea individualista que nada tem com a sagrada ira de obras clássicas, representativas da reação profunda ao desrespeito da honra pública. Na primeira novela temos a crítica do que a narradora denomina “casamento industrial”, feito de televisão e pipoca. Sem qualidades. Na segunda narrativa, dando prosseguimento ao obsessivo repúdio do mau gosto e da mediania, um personagem masculino persegue com seu ódio a vizinha Célia, de pés gordos. “Pão Pullman²⁶”. À sua ex-mulher, muito prestativa, dirige os substantivos com valor adjetivo: “Bandeja. Toalhinha²⁷”. Também este narrador acredita na arte como um valor e é com técnica sofisticada que planeja a morte de sua vítima. Termos de medicina legal são utilizados com prazer orgástico: “Hipótipo. Hipotomia. Hipotipose. Célia chegou de viagem bem mais gorda. Hipopótamo. Você está bonita, hipopétala²⁸”.

A propósito da sofisticação e luxo há com o título *Acqua toffana* uma remissão a veneno mortal utilizado à época do Renascimento. No exercício da crueldade e suas variadas versões é comum a referência a tempos mais grandiloqüentes como inspiração para o ato maligno. Também no filme “O grande chefe II”, o personagem mafioso compara o poder dos Corleones às ações imperiais de César, a quem tudo era permitido.

Antes de terminar gostaria de fazer breve referência sobre como podemos ou devemos tratar a questão da violência hoje. Em artigo primoroso, Luiz Eduardo Soares, aponta a escalada da violência e sua banalização como contrabando de armas poderosas e sofisticadas, as drogas etc. A visão socialista do bom bandido que dominou nos anos 60, a idealização do malandro presente em filmes como: *O bandido da luz vermelha*, *A rainha diaba*, *Ópera do malandro*, *Rio Zona Norte*, *Rio 40º*, entrou em recesso segundo o autor. “Robin Hood aposentou-se”²⁹. Vivemos efetivamente um tempo onde as justificativas de justiça ligadas ao social já não predominam. Há necessidade, ainda segundo Luiz Eduardo, de um fortalecimento

²⁶ MELO, Patrícia. Op cit., p. 79.

²⁷ Ibidem. p. 77.

²⁸ Ibidem. p. 120.

²⁹ SOARES, Luiz Eduardo. “Uma interpretação do Brasil para contextualizar a violência”. In: Carlos Alberto Messeder Pereira, (et al.). (Orgs.). *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 30.

das instituições num momento em que a violência heróica vem sendo substituída por uma crueldade que se generaliza com a espetacularização midiática e que encontram seu chão na destituição de valores que não sejam os do capital.

Tal afirmação nos faz refletir sobre o nosso tema e perguntamos como à violência heróica substituiu-se um clima de crueldade como elaboração artístico midiática. A crueldade pode estar nas mídias? Terá razão Patrícia Melo? Vivemos uma cultura bandida como sublinha Otávio Frias Filho³⁰ onde tudo o que nossa sociedade diz abominar é glamourizado no plano da representação simbólica.

Encerramos nossa exposição retornando à conexão inicial entre crueldade e luxo. Ouçamos as palavras de uma revista sobre as tendências das jóias em 2003. “Fica cada vez mais claro, e sem culpas, compreender, principalmente depois do fim das utopias dos projetos sociais de bem estar coletivo, a existência dos sonhos e dos desejos dos indivíduos. Desejos que possuem significados específicos para cada um de nós, indivíduos pós-modernos, curtindo a solidão com que construímos nossos projetos pessoais³¹”. E ainda, na mesma revista, com o respaldo de Boris Vian “O que me interessa já não é a felicidade de todos os homens, é a felicidade de cada um³²”.

Nada mais a dizer, quando o marketing de jóias absorve os chavões da cultura contemporânea para normalizar a crueldade da disparidade social.

³⁰ FILHO, Otávio Frias. “Cultura bandida”. In: *Folha de S. Paulo*, Caderno Opinião, 24 de julho de 2003. p. A 2.

³¹ “Luxo e cultura”. In: SIQUEIRA, Cidda, MACHADO, Regina. *Jóia 2003: tendências*. Coordenação de Fernando Souto. Brasília: IBGM, 2002. p. 12.

³² VIAN, Boris. Apud. Op cit. p. 13.

BIBLIOGRAFIA:

ERHENBERG, Alain. *L'Individu incertain*. Paris: Calmann-Lévy, 1995.

FILHO, Otávio Frias. "Cultura bandida". In: *Folha de S. Paulo*, Caderno Opinião, 24 de julho de 2003.

Folha de S. Paulo. Caderno Mundo, 06 de abril de 2003.

FONSECA, Rubem. *Feliz ano novo*. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

KUNDERA, Milan. *La Lenteur*. Paris: Gallimard, 1994.

LIPOVETSKY, Gilles. *L'ère du vide: Essais sur l'individualisme contemporain*. Paris: Gallimard, 1983.

LOYOLA BRANDÃO, Ignácio de. *O anônimo célebre; reality romance*. São Paulo: Global, 2002.

LOYOLA BRANDÃO, Ignácio de. *O ganhador*. São Paulo: Global, 1987.

MELO, Patrícia. *Acqua toffana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MORAES, Eliane Robert. *O corpo impossível*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

RAMOS, Fernão Pessoa. "Narcisismo às avessas". In: *Folha de S. Paulo*. Caderno Mais, 3 de agosto de 2003.

ROSSET, Clément. *Princípio de crueldade*; tradução José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco. 1989.

SIQUEIRA, Cidda, MACHADO, Regina. *Jóia 2003: tendências*. Coordenação de Fernando Souto. Brasília: IBGM, 2002.

SLOTTERDIJK, Peter. *O desprezo das massas: ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

SOARES, Luiz Eduardo. “Uma interpretação do Brasil para contextualizar a violência”. In: Carlos Alberto Messeder Pereira, (et al.). (Orgs.). *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

TREVISAN, Dalton. “Uma vela para Dario”. In: *Cemitério de elefantes*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

VILELA, Luiz. *A cabeça*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

VILLAÇA, Nízia. “O sadomasoquismo em dois tempos”. In: *Lugar Comum: estudos de mídia, cultura e democracia*. n. 12. Publicação do NEPCOM (Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação). Rio de Janeiro: Setembro-Dezembro, 2000.